

Além do cartão-postal: uma leitura do caso de "requalificação" paisagística do centro histórico de Calcata, na Itália

Beyond the postcards: an analysis of the landscape "requalification" case in the historic center of Calcata, Italy

William Lopes de Oliveira *
Universidade Federal de Viçosa
wlo.william@gmail.com

Fecha de envío: 01/09/2017 | Fecha de aceptación: 21/05/2018 | Fecha de publicación: JUNIO 2018



Licencia Creative Commons Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial - CompartirIgual 4.0 Internacional.

* William Lopes de Oliveira es bachiller y licenciado en Geografía por la Universidad Federal de Viçosa. Fue becario del programa Ciencia sin Fronteras - Italia, estudiando en la Università degli Studi di Roma "Tor Vergata" disciplinas de Patrimonio Cultural y Territorial. Actualmente cursa maestría profesional en Patrimonio Cultural, Paisajes y Ciudadanía por la Universidade Federal de Viçosa. Sus investigaciones incluyen análisis de proyectos de recalificación de burgos medievales italianos a través del turismo.

Resumo

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, específicas zonas rurais da Europa vêm experimentando profundas transformações sócio-espaciais. Os intensos movimentos de abandono territorial e crescimento súbito de zonas urbanizadas engendraram, paradoxalmente, uma visão romântica e pictórica do meio campestre. Diante deste contexto, a Itália vem buscando algumas alternativas no intuito de valorizar e promover suas respectivas vilas “históricas”, para além das famosas cidades artísticas, como Roma e Veneza. Um dos casos nacionais mais notórios é o do município de *Calcata*, no Lazio, onde o processo de repovoamento, assim como embelezamento de seu centro histórico, veio diretamente dos próprios “novos moradores” que, basicamente, se resume em *hippies*, artistas e intelectuais. Encantados com a atmosfera medieval local, estes indivíduos “alternativos” decidem se transferir para antigos casebres locais abandonados, a partir dos anos 1960. À luz disso que o presente artigo busca explorar algumas condutas de fomento à gestão do patrimônio arquitetônico local, se pautando em dois primas basilares de reflexão: o primeiro seria uma análise dos discursos que devotam a paisagem como história e patrimônio, ancorados numa leitura estético/monumental deste recorte espacial. Já o segundo enfoque tende examinar as distintas conjunturas historiográficas que, divergentemente, refletem as experiências estéticas daqueles que se apropriaram da paisagem do burgo de *Calcata*.

Palavras-chave: Paisagem; Patrimônio; Potencial arquitetônico; Calcata; Turismo

Abstract

Since the end of World War II, lots of rural areas in Europe have been changing themselves deeply. The intense emigration process as well as the growth of urbanized areas have conditioned, paradoxically, a certain “sensibility” around rural lands. In view of this, Italy has been seeking some alternatives to value, touristic wise, its “historical” villages and hamlets in conjunction with its most famous cities, such as Rome and Venice. One of the most notorious cases in the country is the municipality of *Calcata*, in Lazio, where the process of repopulation, as well as aesthetics requalification of its urban equipments, from the 1960s, straightly came from its “new residents” themselves, which basically means hippies, artists and intellectuals. Excited about the medieval aspects of *Calcata*’s old buildings, this “alternative” population have ended up to move to the place in the 1960’s, when the village was nearly a ghost town. In light of this that this article aims at analyzing *Calcata*’s experience, from two perspectives: the first one tends to gravitate around the narratives that devote landscape as history and heritage, based in its aesthetics features. The second outlook seeks to examine distinct contexts, from a historic view, that reflect the aesthetics experiences of those who have seized *Calcata*’s old town landscape scene.

Key words: Landscape; Heritage; Architectural potential; Calcata; Tourism

1 – Contextualização

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, específicas zonas rurais da Europa vêm experimentando profundas transformações sócio-espaciais, o que instiga novas leituras de suas dinâmicas. A intensa mecanização do campo, tal como o *status* de conforto e consumo imposto sobre os centros urbanos maiores, sobretudo com a popularização de televisores, telefones e automóveis, estimulou o fenômeno definido como “desaparecimento simbólico do campo” (PEIXOTO, 2001, p. 1). Em outras palavras, os intensos movimentos de abandono territorial bem como o crescimento súbito de zonas urbanizadas engendraram, paradoxalmente, uma visão romântica e pictórica do meio campestre. São cada vez mais difusas as aspirações ligadas à contemplação da natureza e nostalgia rural, e, portanto, aqueles que ainda atuam no campo apresentam-se como verdadeiros “guardiões das paisagens” (BRUNEL, 2009, p. 15).

Atentos a esta tônica, determinados países europeus têm apostado tanto na requalificação quanto na promoção de localidades rurais “históricas”, quer por iniciativas amplas, quer por ações pontuais, na tentativa de atrair investimentos, reestruturando, na sequência, inteiros territórios até então marginalizados e/ou decadentes do ponto de vista econômico e demográfico. À título de ilustração, conforme apontam *Osservatorio Nazionale del Turismo* (2003), Briatore (2011) e Zampilli (2011), somente a Itália concentraria aproximadamente 20.000 sítios de interesse histórico-artístico, entre eles os chamados *centri storici minori*¹, dado que reforça o protagonismo contemporâneo no qual certas municipalidades, aparentemente fora dos circuitos urbanos mais concorridos, têm exercido no continente no que tange gestão territorial e promoção do patrimônio paisagístico. O país, inclusive, tem assistido uma expansão

1. O termo *centri storici minori*, muitas vezes também utilizado como *patrimônio minore*, diz respeito aos núcleos territoriais de pequena população e extensão que conseguiram preservar sua coerência urbanística, mesmo que estratificada, apresentando-se como áreas homogêneas do ponto de vista arquitetônico. Isso se deu graças a questões de isolamento geográfico ou problemas endêmicos de deslizamentos e terremotos, que limitaram o avanço da modernidade nessas regiões (GEREMIA, 2009).

de associações que intentam propalar o charme relativamente retrospecto e bucólico de pequenas localidades nacionais, mais anônimas, indo além dos holofotes que caracterizam cidades consagradas no cenário turístico mundial, como Roma, Florença e Veneza. É o caso do clube *Bandiera Arancione*².

Criado no ano de 1998, o ente parte de uma série de requisitos específicos no condão de divulgar um “circuito de beleza” fundamentado em comunas e frações geográficas³ que melhor ambientem, aos olhos do turismo, uma espécie de “formosura” de uma Itália rural do passado. A entidade conta hoje com mais de 220 lugarejos selecionados, se pautando em incentivar iniciativas como festas, festivais, exposições, feiras, conferências e concertos que destaquem o patrimônio religioso, arquitetônico, gastronômico, linguístico e paisagístico das respectivas localidades membro. Além disso, um dos escopos do clube é dar impulso a empreendimentos locais voltados à cultura do artesanato e da agricultura, reforçando uma suposta identidade local.

Embutido nessa lógica, como outros *paesi*⁴ menores espalhados por todo o país, o burgo de *Calcata*, na região do *Lazio*, desperta atenção pela harmonia de seu tecido arquitetônico, no sentido coletivo da palavra, e não propriamente por conter um monumento de grande interesse artístico ou proporções colossais, como testemunhado comumente em cidades de notável prestígio internacional, a exemplo de Roma e Veneza. Essa aparente simetria estética advinda da simplicidade de suas praças, vielas, muralhas e casas, em conjunto com a arborizada

2. Na língua portuguesa, *Bandeira Laranja*.

3. Fração geográfica é a porção do território municipal compreendendo, por regra, um centro habitado além de núcleos menores e casas esparsas que gravitam em torno deste centro. Trata-se de uma pequena localidade que constitui, dentro de um município, um núcleo de habitações relativamente isolado de sua sede (SERIE STORICHE ISTAT, 2015).

4. Palavra italiana que possui significado ambíguo. De acordo com o *Dizionario di Italiano* online, do jornal *Corriere della Sera* (2016), *paese* (plural, *paesi*) conota tanto a um território político e juridicamente independente (tendo por sinônimos as palavras nação, Estado e pátria), quanto a um pequeno núcleo povoado, de grande caráter rural.

área contígua que circunda o núcleo habitado, introjeta aos olhos e à mente a metáfora de um presépio.

O centro histórico de *Calcata* foi um dos raros palcos onde as ações de restauro aplicadas ocorreram de forma individual e autônoma, pelo menos a partir dos 1960, mantendo o cuidado em se resguardar a singular paisagem que descreve o povoado. Com efeito, gerou-se certa simpatia e entusiasmo de alguns setores político-econômicos, da mídia e também da sociedade civil.

O caso local, na verdade, emerge como uma gota em meio a um profundo oceano cujos discursos sobre a (re) apropriação do passado, e daquilo que ela oferece, legitima ou rescinde práticas sociais sobre os lugares. Num contexto tardo-moderno em que a emotividade com o passado e a empatia pela tutela da “natureza” estão em voga (MENESES, 2002), práticas de promoção das culturas e territórios mais ruralizados, enquanto lugares tipificados, se apresentam extremamente poderosas, o que suscita a mobilização de um leque de conhecimentos na interpretação de suas entrelinhas.

Em vista disso, o presente artigo busca explorar algumas condutas de fomento à gestão do patrimônio arquitetônico do núcleo histórico de *Calcata* a partir dos anos 1960, se desvelando em dois primas basilares de reflexão: o primeiro seria uma análise dos discursos que devotam a paisagem como história e patrimônio, ancorados numa leitura estético/monumental deste recorte espacial. Já o segundo enfoque tende examinar as distintas conjunturas historiográficas que, divergentemente, refletem as experiências estéticas daqueles que se apropriaram da paisagem do burgo de *Calcata*.

2 - A “paisagem histórica” enquanto patrimônio

Seria um pleonasma de nossa parte referirmos ao termo “paisagem histórica” dado que, ao nosso entendimento, toda e qualquer paisagem, mesmo mediante as múltiplas entradas neste conceito advindas dos distintos conhecimentos acadêmicos, carrega consigo certos

vestígios frutos da ação do tempo. Ou, como argumenta Cosgrove (1998), a paisagem guarda para si e seu respectivo observador sua marca e matriz simbólicas. Isso nos faz pensar, de forma ponderada, como as narrativas incutidas sobre essas distintas paisagens, enquanto lugares de memórias seletivas, descrevem as suas respectivas realidades materiais e simbólicas, nos dizendo como estes espaços são e, sobretudo, como deveriam ser (CANCLINI, 1994).

Na circunstância a qual se insere este texto, todavia, o vocábulo “paisagem histórica” visa invocar os conjuntos de paisagens, em particular aqueles menos corrompidos pela agressiva urbanização pós-guerra, que vêm se configurando, ao fim e ao cabo, como verdadeiros patrimônios; patrimônios estes que têm por ênfase evidenciar, concomitantemente, as singularidades e os pluralismos regionais. Nas palavras do geógrafo francês Jean-Marc Besse:

a paisagem ocupa, na atualidade, um lugar crucial nas preocupações sociais e políticas pela qualidade dos quadros de vida oferecidos às populações, em relação aos questionamentos sobre identidade dos lugares, sobre a governança dos territórios ou, ainda, sobre a proteção dos meios naturais (BESSE, 2014, p.7)

Seguindo essa filosofia, Briatore (2011) descreve o papel que os vilarejos italianos desempenham no apreço e compreensão das “paisagens históricas” nacionais, já que tais núcleos menores manifestam-se como elementos chave que compõem a idiosincrasia entre o homem e o seu entorno. Tais grupos paisagísticos de interesse historiográfico que integram o território da Itália, reconhecidos pelos campos de gramíneas, colinas onduladas, praias ensolaradas, bosques encorpados, povoados antigos e montanhas nevadas, revelam-se como cenários arquetípos para cultuação da “tradição”, do “típico”. Estes detalhes, ao que parece, têm amparado demandas modernas pela procura infundável de panoramas que manifestam minimamente possível os resquícios da já citada massiva urbanização que tem pontuado algumas áreas da Europa há anos.

Tabela 1: Lista dos países com mais bens cita

Países	Número de bens inscritos na lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO		Posição na lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO		Número de visitantes (em milhões)		Posição na lista de destinos mais visitados do mundo	
	1990	2016	1990	2016	1990	2015	1990	2015
Itália	6	51	8	1	-	50.7	4	5
China	7	50	7	2	-	56.9	12	4
Espanha	16	45	3	3	-	68.2	3	3
França	17	42	2	4	-	84.5	1	1
Alemanha	9	41	5	5	-	35	9	7
Índia	19	35	1	6	-	8	-	-
México	8	34	6	7	-	32.1	8	9
Reino Unido	14	30	4	8	-	34.4	7	8
Rússia	3	26	9	9	-	31.3	17	10
EUA	17	23	2	10	-	77.5	2	2
Irã	3	21	9	11	-	5.2	-	-
Brasil	7	20	7	12	-	6.3	53	-
Japão	0	20	-	13	-	19.7	28	-

Fonte: UNESCO/Organização Mundial do Turismo (2018).

Não é de hoje que as paisagens italianas são objeto de contemplação coletiva. Ainda que os deslocamentos humanos datem-se paralelos à existência do próprio homem, foi a partir do século XVII que surgiu o fenômeno do turismo moderno. Nobres ingleses, em sua maioria indivíduos letrados, seguiam rumo à Europa continental explorando a apreciação de diferentes culturas, através de seus hábitos culturais, artes e etiquetas. Em outras palavras, “uma espécie de ritual educativo a que a nobreza britânica chamava *“Gran Tour”*” (MILHEIRO & MELO, 2005, p. 116).

Apesar de diversos países estarem nas rotas, as excursões se concentravam mormente entre o sul da França e a Itália, sendo sítios italianos “clássicos” – como Roma, Nápoles e Pompeia - o clímax das viagens (GYR, 2010). Os resquícios arqueológicos do período greco-romano, o legado do Catolicismo, os simbolismos provenientes da Renascença, a efervescência religiosa barroca, a monumentalidade, mesmo que em decadência, de poderosas cidades repúblicas marítimas do século XIV, dentre outros fatores, propiciavam um cenário ideal à cultuação das artes, das paisagens e de certos comportamentos eurocentristas. A península Itálica representava, à vista disso, uma aparente base de expressiva parte dos costumes, nobres ou

populares, difundidos e incorporados pelo Velho Continente e fora dele.

Aliás, a forte tendência turística da Itália perdura por anos consecutivos, valendo-se até hoje. Por conta de sua longa urbanização, o que conhecemos atualmente como território italiano é, de fato, resultado da atuação de distintos povos que por ali se fixaram, contribuindo para construção de todo o legado artístico-cultural que o país atualmente concentra. Não é por menos que, até o presente momento, a Itália segue líder na lista de Patrimônios da Humanidade arrolada pela UNESCO, com um recorde de 53 sítios catalogados⁵, além de ser a quinta maior potência turística global (Tabela 1).

A partir da Tabela 1 podemos atinar que os países com acervos patrimoniais mais valorizados pelas indústrias culturais têm buscado nas últimas décadas “reforçar a competitividade dos seus mercados turísticos por via da aquisição e afirmação de uma imagem de marca sustentada pelo estatuto de patrimônio mundial” (PEIXOTO, 2001, p. 11).

5. UNESCO. Italy - Properties inscribed on the World Heritage List. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/statesparties/it>>. Acesso em 25/03/18

Dito de outra maneira, não é obra do acaso que a listagem dos países mais visitados do mundo seja congênere àquela dos países que mais possuem patrimônios catalogados pela UNESCO. Essa imagem de brand patrimonial tem sido uma eficiente prática tanto na promoção do legado artístico-cultural dos respectivos países quanto na difusão de hipotéticas singularidades, tipicidades e sublimidades de determinados complexos paisagísticos nacionais.

Observamos um esforço da Itália, frente a isso, em consolidar sua fama internacional para além das tradicionais indicações de arte e cultura. Associar a notoriedade de sua realidade histórica com a complexa geografia que acolhe o país, caracterizada por um litoral extremamente recortado e duas importantes cadeias montanhosas, torna-se um poderoso artifício de propagação de seu território e seus recursos. E, defronte a vasta heterogeneidade que as caracterizam, as paisagens nacionais, ou pelo menos um conjunto dessas, apresentam-se como locus de tal perspectiva, imortalizadas por grandes clássicos da literatura, do cinema e das artes, nacionais e estrangeiros, inclusive.

Diante dessa conjuntura que no país tem surgido, especialmente nas últimas décadas, múltiplos exemplos de intervenções pautadas em valorizar povoados até então fora da mira turística. Impreterivelmente, é consenso que todas as ações buscam, mais do que promover o patrimônio artístico, gastronômico e religioso das localidades selecionadas, exaltar os distintos territórios como espetáculos estéticos a partir de suas respectivas paisagens. E é na esteira dessa discussão que exploraremos alguns exemplos de promoção do *patrimonio minore* italiano, como é o caso do singular centro histórico de Calcata, indicado por muitos como “*may be the grooviest village in Italy*” (THE NEW YORK TIMES, 2007).

3 – “*Il paese dei fricchettoni*”: o caso do burgo de Calcata

O pequeno município de *Calcata* situa-se na região do Lazio, a algumas centenas de quilômetros da capital italiana. No território local predominam bosques encorpados paredes

vulcânicos rochosos de interesse geológico e diversos cursos d’água, o que possibilitou a criação em 1982 da área de proteção ambiental regional *Parco Della Val Treja*, entidade da qual o lugarejo é sede oficial juntamente com a vizinha comuna de *Mazzano Romano* (PARCO TREJA, 2016).

As imediações com a cidade de Roma fez de Calcata uma aldeia próspera no passado, posto que esta se destinava a suprir parte da demanda alimentícia romana, principalmente durante o século I d.C. Inclusive, o nome local provem de *Capracorum*, isto é, um dos centros de produção agrícola criados pelo imperador Adriano (COMUNE CALCATA, 2016). Desde a Idade Média a localidade vem alimentando sua fama de lugar místico, o que lhe gerou algumas divergências com a terra dos papas. Uma lenda local revela que, logo após o saque de Roma em 1527 orquestrado pelos exércitos do imperador da Áustria, Carlos V, um soldado alemão aparece no vilarejo carregando consigo uma suposta relíquia um tanto quanto inesperada: o prepúcio do próprio Jesus Cristo⁶. Posteriormente à captura do referido soldado, as autoridades *calcatesi*⁷ à época confiscaram o suspeito material sacro, o que provocou imediato boom de peregrinações rumo ao lugarejo (THE NEW YORK TIMES, 2007).

A metade do século XX pode ser interpretada como um divisor de águas para a historiografia local. No ano de 1908 um potente terremoto sacudiu as regiões da *Calabria* e *Sicilia*, na Itália meridional, episódio que posteriormente demandou do Governo Nacional medidas de prevenção e proteção contra futuras situações de risco. Lançado em 27 de junho de 1930 por políticos filiados ao Partido Fascista de

6. Sendo motivo de disputas entre diversas igrejas ao longo da história, o “Prepúcio Sagrado” é uma importante relíquia católica diretamente associada a figura de Jesus Cristo. Refere-se, a sugestão do próprio nome, ao prepúcio do próprio Jesus, retirado de seu corpo durante a prática de circuncisão, familiarmente atrelada ao judaísmo. No exemplo de Calcata, as leituras sugerem que o objeto sagrado encontrado no lugarejo fora extraído originalmente da Igreja de San Giovanni in Laterano, a mais antiga basílica do mundo e sede episcopal do bispo da arquidiocese de Roma, o próprio papa (Narrazione critico-storica della Reliquia preziosissima del santissimo Prepuzio di N. S. Gesù Cristo: 2007, p.14).

7. *Calcatese* (plural em italiano, *calcatesi*) reporta ao habitante natural da comuna de *Calcata*.

Figura 1: espriado em uma área cuja circunferência correspondente ao Coliseu de Roma, o burgo velho de Calcata se apresenta como um dos vilarejos medievais mais bem preservados do país.



Fonte: Fotografia de Simonetta Viterbi, 2009. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/nettaphoto/4119984986/>>. Acesso em: 30/11/16.

Mussolini, um polêmico decreto previa tanto o desalojamento de populações em áreas hipoteticamente perigosas, como a demolição de suas residências. Tal desígnio, dessa maneira, incluía o burgo velho de *Calcata*, pois este, com sua particular morfologia rotunda, se fixava diretamente sobre uma massa rochosa de tufas⁸ desgastadas

(Figura 1), apresentando, em tese, alto risco hidrogeológico (CALCATA BORGO MEDIEVALE, 2016).

O desenrolar da Segunda Grande Guerra, entretanto, adiou a aplicação da lei de desocupação. No mesmo período constrói-se a chamada Calcata Nuova, isto é, a cidade moderna, a poucos quilômetros do centro antigo. Embora o burgo velho nunca tenha sido de fato evacuado pelas forças de ordem, e tão pouco demolido, a população em quase sua totalidade, aflita com o alerta do Governo, decide transferir-se para a cidade nova, acarretando em majoritário abandono local durante os anos 1960 (COMUNE CALCATA, 2016). Outra vez, o vilarejo de Calcata fortalece sua reputação “obscura” entre seus residentes.

8. Tufas, de acordo com GUERRA (1972), são um conjunto de rochas vulcânicas compostas por fragmentos de distintos tamanhos e formas, expelidas por vulcões em atividade. Distinguem-se por baixa densidade e consistência intergranular e porosa, sendo facilmente desagregáveis.

Entre as décadas de 1960 e 1980 um grupo plural de indivíduos, provenientes em sua maioria de grandes cidades como Roma, passam a adquirir casas em desuso no núcleo velho de Calcata para veraneio, inicialmente. Buscavam, além de tranquilidade, contato com a “natureza” que envolve o sítio, visto que este se apresentava como uma opção de sossego diante da estressante rotina típica dos centros urbanos maiores.

Paulatinamente, outros indivíduos começam também a se interessar pela vila, mas não mais somente como um mero ponto de estadia sazonal. As demandas por instalações permanentes se multiplicam, e, a partir disso, um lento processo de repovoamento do núcleo velho começa a florescer (Tabela 2). Assim, podemos postular que “a intervenção em *Calcata* é uma ação de revitalização espontânea, que pode também ser considerada, com a devida atenção, uma intervenção anárquica” (BRIATORE, 2011, p. 66, tradução e grifo nossos).

Seguindo com a leitura da tabela acima, notamos que os anos de transferência para o novo centro habitado de *Calcata* – ou seja, a *Calcata Nuova* – se coincidem com o processo de abandono do núcleo antigo: os dados referentes ao recenseamento demográfico de 1971 exibem uma concentração populacional de 585 habitantes, o que não se distancia tanto dos números condizentes ao fim do século XIX, totalizados em 559. A partir da década de 1980 a população tem crescido exponencialmente, quando em 2017 o lugarejo atinge seu pico histórico - pelo menos com relação ao início das pesquisas censitárias - de 906 residentes, sendo 70 destes inseridos no perímetro histórico (BRIATORE, 2011).

É de enfatizar que esse hipotético “renascimento espontâneo” da vila caracterizou-se com a forte presença da comunidade *hippie*, bem como de artistas e intelectuais, inclusive estrangeiros. Aliás, daí que surge o vocábulo italiano “*il paese dei fricchettoni*”, que na língua portuguesa significa “*a terra dos hippies*”. Como já mencionado, a agitação urbana propiciou que essa população se enamorasse e sensibilizasse pela ambientação modesta local, que contem um dos traçados medievais mais bem

Tabela 2: Série histórica de população no município de Calcata (1871 – 2017)

Ano	Habitantes	Varição
1871	508	-
1881	559	10,0%
1901	851	52,2%
1911	837	-1,6%
1921	864	3,2%
1931	878	1,6%
1936	836	-4,8%
1951	753	-9,9%
1961	698	-7,3%
1971	585	-16,2%
1981	690	17,9%
1991	886	28,4%
2001	846	-4,5%
2016	905	7,0%
2017	906	0,1%

Fonte: Istituto Nazionale di Statistica - Istat (2018).

conservados da Itália, igualmente pelas suas arborizadas redondezas que lhe conferem particular frescor térmico e panoramas sugestivos.

Importante ressaltar, novamente, que o exemplo de *Calcata* não é único na Itália envolvendo patrimônio arquitetônico-paisagístico para além das consagradas cidades de interesse turístico. Dos Alpes ao sul do país, distintas municipalidades que detêm o chamado patrimônio de “cal e pedra”⁹ relativamente preservados vêm buscando requalificar seus específicos aparatos urbanos, gerando atividades culturais para população e visitantes, novas fontes de renda e, em alguns casos, repovoamento de áreas praticamente abandonadas.

A título de comparação, a comuna de *Favara*, na ilha da *Sicília*, tem chamado atenção da mídia e especialistas em *restauração* pelo processo mais “despojado” de requalificação de seu núcleo urbano histórico (Figura 2). As antigas fachadas de tom ocre desgastadas vêm dando lugar a tons mais brancos, ocasionalmente ornamentados com grafites e elementos

Figura 2: casas brancas cobertas de escritas, desenhos e gravuras emblemáticas, além da ressignificação de elementos de mobiliário urbano, contrastam com as antigas edificações adjacentes ao *farm Cultural Park*, no centro histórico de Favara.



Fonte: Fotografia disponível em: <<https://www.urbanitaly.com>>. Acesso em: 28/04/18.

estéticos de caráter mais “rebelde”, indo na contramão do “lirismo arquitetônico” que identifica outros sítios italianos menores, como é o caso de *Calcata*. Em tese, trata-se de um ambicioso trabalho que buscou ressignificar parte do centro histórico de Favara, inserindo elementos de arte contemporânea frente a um ambiente visivelmente incurado. O projeto, conhecido como *Farm Cultural Park*¹⁰, é hoje uma importante atração turística da região, além de se consolidar como um dos destinos de arte contemporânea mais badalados do país.

Já *Calcata*, mesmo caracterizada pela expressiva quantidade de artistas e acadêmicos atuando em seus antigos casebres, tem apresentado intervenções no seu centro histórico mais conservadoras - pelo menos no que diz respeito a sua estética arquitetônica histórica - na tentativa de realçar a atmosfera rústica de uma Itália de séculos atrás. Inclusive, o site oficial da prefeitura local disponibiliza um documento um tanto quanto restritivo tocante às normas e diretrizes de uso, ocupação e embelezamento do burgo velho, intitulado *Piano di recupero dell'abitato di Calcata*¹¹. À luz dele podemos inferir algumas informações de relevância às discussões neste texto fomentadas.

10. Para mais informações, <<https://www.farmculturalpark.com/>>.

11. Na língua portuguesa, *Plano de recuperação do habitado de Calcata*. Disponível em: <<http://www.comune.calcata.vt.it/index.php/modulistica/category/16-pianodirecupero-centro-storico>>. Acesso em 01/05/2018.

Uma das notas iniciais mais chamativas apresentadas pelo documento diz que

a recuperação (do centro histórico local) se de um lado se sustenta em um magistral uso de materiais, de tecnologias, de tonalidades cromáticas históricas, do outro promove um destino de uso adequado, compatível com o contexto e finalizada ao uso e à conservação e fruição turística-receptiva, tal como residencial e sócio-cultural (GUIDONI, p. 1, tradução pessoal).

Fica evidente neste trecho a preocupação das autoridades locais com a ambiência na qual o burgo de *Calcata* possa promover aos residentes e turistas, o que implica pensar num encaideamento de restrições que, pontualmente, irão orientar os trabalhos de tutela do aparato edilício local, assim como sua interação com a paisagem pitoresca que caracteriza a localidade. Isso reforça nossa filosofia supramencionada, de que as intervenções em Calcata foram mais moderadas, tendendo a uma atmosfera mais airosa e “clássica”, comparada a comuna de *Favara*, de caráter mais vanguardista.

Voltando ao documento em si, observamos que o termo “superfetação” é citado de forma recorrente, fazendo analogia a quaisquer “embriões” edifícios construídos em datas posteriores ao organismo originário, e que não adicionam nenhum interesse para a leitura filológica de um edifício de particular interesse histórico, tais como a varandas, balcões, terraços, a elevação de pavimentos e, ainda, intervenções restaurativas à base de concreto armado. À vista disso se proíbe também mudanças na parte interna das construções mais antigas, como a edificação de novos banheiros e a adição de elementos tecnológicos que deturpam a “natureza antiga” do objeto de intervenção, como antenas, lâmpadas ao estilo tartaruga, cabos e ares-condicionados. *O piano di recupero* também reforça a regularização de atividades comerciais e culturais, o que incentiva práticas tidas como artesanais, como confecção de receitas regionais, mercado de frutas e legumes a quilômetro zero, tavernas, adegas, casas de atividades esotéricas, espaços de criação artística e cultural e produção

de cerâmica e porcelanato em todo perímetro que compreende o núcleo histórico do vilarejo.

Além de proibir certas intervenções, o documento ainda aconselha o uso de tonalidades cromáticas que se assemelhem à coloração argilosa das rochas tufaceas que singularizam o burgo. Um das sugestões mais curiosas é a recomendação em esmaecer o tom vivo das cores para não adulterar a leitura integral da paisagem local, arquetizando a idéia de uma certa “pátina histórica” por ali difusa. Ademais, é explicitamente vetado o uso de diferentes tingimentos no caso de construções com mais de um pavimento. A cor branca, em especial, é complementemente proibida para pintar casas e edifícios mais antigos, em quaisquer tonalidades. No caso de grandes alterações/remoções que versam sobre tais elementos descaracterizantes da atmosfera lírica de *Calcata* velha a própria prefeitura quem se responsabiliza, a partir de custos próprios, de suas respectivas aplicações em consentimento com os proprietários.

Os argumentos acima colocados nos indicam alguns pontos de reflexão um tanto quanto interessantes. Nota-se que, entre a bibliografia atenta ao assunto, é praticamente consenso que o caso local, baseado pela liberdade coletiva de tutela e ornamentação do lugarejo a partir do repovoamento nos anos 1960, ganhou notoriedade Itália afora pelo teor autônomo do processo de reocupação das casas abandonadas. Hoje, ante às normas institucionais da prefeitura local, numerosas práticas de uso, ocupação e ornamentação do aparelhado urbano local são reorientadas no esforço de manter a atmosfera rústica do lugar, porém rompendo, em muitos aspectos, com certas “liberdades” a níveis individual e coletivo de se apropriarem da cena cotidiana do burgo.

Nosso posicionamento não visa depreciar a postura da prefeitura local; na realidade se refere a um empenho, mais crítico, de compreender como no decorrer da história alguns discursos tidos como hegemônicos - ou contra-hegemônicos, tal e qual a conjuntura local - passam a ser incorporados, rebatidos ou até mesmo ressignificados, como é o caso da autonomia coletiva em se apropriar do centro

velho local. Todavia, também reforçamos que um excessivo cuidado para com a realidade vivida e percebida do burgo, a partir de detalhes mais incisivos como o controle das práticas comerciais/sociais exercidas no interior das construções mais velhas, nos provoca questionamentos. Fenômenos como a gentrificação¹², tão frequente em localidades que apresentam significativo conjunto de construções mais antigas e, portanto, dotadas de forte apelo pictórico, podem justamente prosperar camuflados por crônicas associadas à disseminação de atividades culturais, à cultuação do belo, ao consumo alternativo e à qualidade de vida, como é, guardada as suas devidas particularidades, o que vem ocorrendo ali. Para isso, faremos uma breve reflexão sobre a reinterpretação do perímetro velho de *Calcata* pós processo de repovoamento.

4 – Um burgo gourmet ou um burgo museu?

Embora saibamos do forte aceno metafórico carregado pelo termo gourmet, sendo recorrentemente associado à alta gastronomia, o utilizamos de forma provocativa no fim de pensar acerca da supervalorização contemporânea daquilo que outrora estava fadado à excentricidade, como é exatamente o quadro do núcleo histórico de *Calcata*.

Caminhar pelo lugar – o que se torna inevitável, dado que o burgo é totalmente pedestre – observando suas vielas estreitas, becos escuros e mirantes estratégicos nos revela dezenas de edifícios e elementos de mobiliário urbano ornados por arranjos pessoais de apelo figurativo, como pinturas e desenhos de personagens religiosos e místicos (Figura 3). Tais fatos

12. *Gentrificação* é um processo de transformação de zonas específicas dos centros urbanos a partir de políticas de valorização local por agentes imobiliários. Inicialmente decadentes, alguns bairros passam por processos de requalificação, desdobrando no aumento imediato dos preços dos imóveis e serviços estruturais na área. O termo provem do inglês *gentrification*, que por vez faz analogia a gentry – isto é, nobre, elite, que passa a ser classe social a ocupar tais regiões recém reformadas, outrora compostas por populações mais humildes que, devido ao aumento do custo de vida, são expulsas para outras regiões da cidade. Para maior aprofundamento sobre o assunto, indicamos a leitura “*De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas públicas de “revitalização” dos centros urbanos*”, de Bidou-Zachariasen, 2006.

Figura 3: um ângulo característico de *Calcata*, onde se destaca uma residência condecorada com distintos objetos. Também desperta interesse na imagem a pintura de uma bruxa numa porta tal como a vista de um denso bosque ao fundo, o que reforça, assim, a dominante atmosfera metafórica e bucólica do lugarejo.



Fonte: Foto de Fabio Baldi, 2012. Disponível em < <https://www.flickr.com/photos/99764837@N07/9426572473/>>. Acesso em: 30/04/18.

nos prenunciam um população aparentemente alternativa que ali reside, se apossando da simplicidade local e, mutuamente, a externalizando em um sentido de “requite metafórico”.

É consenso que, após anos de isolamento, *Calcata* recentemente testemunha prosperar uma pujante promoção de seu território através da abertura de negócios como albergues, lojas de artesanatos, restaurantes vegetarianos, galerias de arte – como o *Opera Bosco*¹³ – e associações de cunho “antissistema” – a exemplos dos entes que desenvolvem projetos de bioarquitetura e de incentivo ao consumo de alimentos quilômetro zero –, potencializados pela vibe boêmia que a ativa comunidade residente firma cotidianamente ao local.

Em geral esses novos habitantes são compostos por artistas, intelectuais, hippies e artífices que, como já parcialmente relatado, se

13. *Opera Bosco Museo di Arte nella Natura* é um museu-laboratório experimental de arte contemporânea situado nos bosques que rodeiam *Calcata*. Utilizando-se do conceito land art, foi fundado em 1996 pelos artistas Anne Demijttenaere e Costantino Morosin no escopo de estender a estética artística à ecologia, utilizando unicamente materiais naturais disponíveis nos bosques como folhas, galhos, troncos e rochas para composição das obras. O sítio se espalha por uma área de aproximadamente dois hectares. Para maiores informações, < <http://www.operabosco.eu>>.

encantam pela aparência insólita da vila, sobretudo se tratando de um lugar relativamente próximo à agitação metropolitana de Roma. Inclusive, um dos primeiros a se transferir para Calcata vecchia foi o famoso arquiteto italiano Paolo Portoghesi¹⁴.

Um emaranhado de alegorias que aqui aglutinamos em “antiurbana” e “pró-natureza”, alinhadas com a idéia de defesa de um patrimônio edificado destoante daquilo que a modernidade produziu em termos de arquitetura e estética, podem ter sido a tônica que envolveu essa população a se fixar nas construções, reinterpretando o núcleo velho local como uma espécie de “ateliê” a céu aberto. Apesar de estarmos descrevendo uma população sensível às artes e à erudição, perfis comumente descritos nos processos de gentrificação que pormenorizam centros históricos/residências por todo o mundo ocidental, tratamos aqui, por resguardo teórico, de discutir o exemplo local mais como uma ruptura com a agitação urbana do que necessariamente um processo de “aburguesamento” e, portanto, de dramática metamorfose de valores locais. Contudo, reconhecemos o potencial de discussão que tal retórica suscitaria no que toca a temática apresentada por este texto.

Numa região famosa pela culinária a base de carne suína e ovina como o Lazio, não é trivial pensar no quão destoante se revela a atual realidade de *Calcata* com sua emergente especialidade vegetariana, por exemplo. Isso tampouco significa tornar a localidade refém de suas memórias ancestrais ou determinismos regionais: trata-se de um ato analítico de compreender como os costumes, ou numa linguagem mais calcado no turismo, as “tradições”, são projetados, em muitos casos, mais por interesses exógenos do que propriamente por indicações culturais internas.

Uma análise mais profícua, ainda, do termo burgo, recorrentemente usado nessa discussão

bem como na bibliografia esperta ao assunto, pode nos auxiliar a entender como os lugares, ao longo do tempo, tendem a manter suas morfologias, reinterpretando, porém, dramaticamente suas funções. Afinal, “todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido na sua origem um destino memorial” (CHOAY, 2007, p. 22).

Seguindo na linha de historiadores medievais, como March Bloch (1987), e notáveis instituições de pesquisas etimológicas, como o *Instituto Treccani* (2017), compreendemos o conceito de burgo como um pequeno centro povoado, reconhecido pela presença de um castelo ou de fortificações como muralhas, e que datam à Idade Média. Geralmente se posicionam nas encostas de montes e colinas, caracterizando-se por íntima ligação com o campo, o que explica as grandes extensões de colheitas e pastagens que comumente rodeiam esses núcleos.

Essas estruturas físicas, ainda, eram utilizadas para estoque de alimentos nos meses mais frios e para reclusão da população em caso de epidemias e doenças. Como as atividades comerciais eram normalmente realizadas dentro dos burgos, que representavam o centro ativo dos vilarejos medievais, destacavam-se na paisagem cotidiana dessas construções agricultores, pescadores e artesãos, igualmente artistas de rua, como músicos, poetas e pintores. Tendo em consideração a morfologia urbanística, chamam atenção por apresentarem uma praça central que hospedava importantes entidades simbólicas, como a igreja ou a sede do poder administrativo local. As ruas, via de regra, são estreitas e articuladas, seguindo em consonância com a orografia do sítio em que se debruçam. Quanto à realidade italiana, as leituras sugerem que este conceito também se aplica a idéia de “centros históricos menores”, já explorada neste texto, que correspondem à localidades com até 5.000 habitantes, representando cerca de 72% das comunas do país hoje (BASSANELLI, 2010). É a partir daí que podemos atentar que aquilo que entendemos atualmente como burgo, na verdade, são resquícios morfológicos de estruturas sócio-administrativas que desaparecem com o tempo. Assim, *Calcata* também pode ser pensada pela figura de

14. Paolo Portoghesi é um dos arquitetos pós-modernos mais conhecidos da Itália, particularmente por seu trabalho como historiador da arquitetura e por seus estudos sobre a obra do mestre da arquitetura barroca, Francesco Borromini. Em 1976 realiza sua obra mais notável, a mesquita e centro cultural islâmico em Roma. Atualmente é professor de arquitetura da *Università degli Studi di Roma “La Sapienza”*.

linguagem de um “museu-vivo” em que, embora o cuidado minucioso para com elementos do passado seja constante, ainda existe, guardada suas especificidades, uma singela rotina social que percorre seus becos e ruelas.

Sabemos que a comunidade que ali vive utiliza o lugarejo seja como “fuga” do frenesi moderno, seja como cenário de inspiração para suas práticas laborais. Isso não desqualifica este esforço de refuncionalizar o local: em verdade refere-se uma tentativa de refletir sobre este exercício contemporâneo de, constantemente, reinterpretar os lugares não necessariamente pelo que, de fato, eles são, mas sim como gostariam que fossem, à luz, muitas vezes, de certas memórias grafadas na paisagem.

Portanto, entendemos oportuna a retórica de qualificarmos *Calcata vecchia* como um burgo museu, onde as práticas sociais gravitam em torno de uma “paisagem histórica” que evidentemente faz contrastes, no que diz respeito a estética pelo menos, à modernidade. E tudo aquilo que possa corromper isso estará a mercê de embates mais incisivos, a exemplo das diretrizes estabelecidas pelo plano de recuperação do centro histórico local abordado por esse esboço.

5 - Conclusão

A partir do caso do burgo velho do *Calcata* se buscou partir de uma percepção do patrimônio como, mais do que uma realidade concreta, uma realidade discursiva, destacando as narrativas que possibilitam entender os respectivos patrimônios como instrumentos de reflexão histórica, antes mesmo de serem analisados como algo que têm valor por si só. E isso também se estende à paisagem.

Aliás, no âmbito do interesse coletivo pela tutela das paisagens é de devida atenção uma análise ao ritmo acelerado de transformações que as dinâmicas capitalistas, com especial interesse à especulação imobiliária, têm surtido sobre estas. Os apelos ético e estético, desassociados da “espontaneidade” do ambiente, com intervenções externas/surrealistas, se rompem, tal qual afirma (ANDREOTTI, 2012).

Para tanto, o cuidado para com a imagem “histórica” da paisagem calcatese é válido na medida em que a morfologia singular do burgo merece ser alvo de sensibilidade coletiva, posto que o local, para além de objeto de fruição estética, revela-se como um verdadeiro “museu vivo”, onde se conseguiu preservar suas formas urbanísticas medievais em meio a poeira do tempo. Além disso, pensando numa lógica patrimonial calcada nas vantagens comparativas, a curiosa dicotomia local, traduzida no fato de que a simpatia pelo burgo surge justamente da arquitetura modesta que ali predomina, reforça a singularidade de um espaço ainda resguardado das construções desregradas a base de concreto armado, formas geométricas que não dialogam entre si ou elementos metálicos cintilantes, fortemente criticados e associados aos cânones da edílicia popular moderna.

Contemplar arquiteturas que remetam a outros tempos da história humana, observar modos de se confeccionar determinados produtos ou apreciar festividades aparentemente rotineiras que envolvam grande parte da comunidade local compõem um aglomerado maior de detalhes que extasiam nossas memórias, fazendo-nos fiar de tais elementos. Importante ressaltar que o desaparecimento, reaparecimento e instrumentalização de objetos, práticas, narrativas e paisagens dialogam com importantes projetos de preservação e tutela de determinadas memórias, o que não raras vezes podem nos apontar artificialismos neste embaite permeado por discursos de distintas esferas e intencionalidades.

A ânsia manifestada por distintos lugares em promover símbolos de singularidade que não se percam nas lacunas do tempo nos evidencia que o patrimônio tem se distanciando de uma dimensão folclórica, caminhando a uma direção estratégica e pontual, por vezes extremamente técnica, de ordenamento espacial no seio das políticas públicas (PEIXOTO, 1998).

A refuncionalização do passado e dos lugares, carregada de devaneios, apresenta-se como uma poderosa prática ideológica que, ao adquirir formas específicas de caso para caso, atribui aos patrimônios status central em seus respectivos discursos. Frente a essa lógica que

os habitantes da pequena *Calcata*, em meio a tanto outros exemplos, aspiram um conjunto de idealizações de si mesmos, bem como paisagem

em que vivem, enquanto outros, baseados numa perspectiva de não apenas “reanimar” o passado, mas, sobretudo, de dar sentido ao presente.

Bibliografia

ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. Trad. Beatriz Helena Furlanetto. Curitiba: RAEGA, 2012. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/26191>>. Acesso em 22/02/2016.

BANDIERA ARANCIONE. Iniziativa. Disponível em <<http://www.bandierearancioni.it/iniziativa/liniziativa-0>>. Acesso em 21/04/18.

BASSANELLI, Michaela. Il caso della Valle di Zeri: una ipotesi operativa per la Valle di Zeri. In: POSTIGLIONE, Gennaro; BASSANELLI, Michela; PORCARO, Lorenzo Bini Salvatore (Org.). Geografie dell'abbandono: la dismissione dei borghi in Italia. Milano: Bozza, set. 2009, 513 p. Disponível em <http://www.lablog.org.uk/wp-content/090929_abstract-call-abitare.pdf>. Acesso em 30/03/2015.

BESSE, J. M. Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.

BLOCH, Marc. A sociedade feudal. 2ª ed., Lisboa: Edições 70, 1987.

BIDOU ZACHARIASEN, Catherine. De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

BRUNEL, Sylvie. Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal? Trad. Eustógio Wanderley Correia Dantas e Raimundo Freitas Aragão. Mercator/Revista Geografia da UFC, ano 08, n. 15, 2009.

BRIATORE, Samuele. Valorizzazione dei centri storici minori: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis. 2011. Disponível em <<http://www.universitaeuropadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborghi.pdf>>, acesso em 23/05/15.

CALCATA BORGO MEDIEVALE. Apresentação. Disponível em <<http://www.calcataborgomedievale.com/>>. Acesso 15/11/16.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, no. 23, 1994.

CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: Enciclopédia Einaudi. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional. (p. 138-159), 1986.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

COMUNE CALCATA. Cenni storici. Disponível em <<http://www.comune.calcata.vt.it/index.php/cennistorici>>. Acesso em 23/11/2016.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da VERJ, 1998. p.92-123.

FARLEY, David. Calcata, Italy: Where Newcomers Gave an Old Town a Second Life. The New York Times, 28 jan. 2007.

Disponível em <<https://www.nytimes.com/2007/01/28/travel/28dayout.html>>. Acesso em 16/01/18

GEREMIA, Francesca. Centri storici minori: un futuro per il patrimonio antico. In: STABILE, Francesca Romana; ZAMPILLI, Michele & CORTESI, Chiara (Org.). Centri storici minori - Progetti per il recupero della bellezza. Roma: Gangemi Editore, 25 set. 2009, p. 67-74.

GUERRA, Antônio Teixeira. Dicionário Geológico-Geomorfológico. 4ª Ed, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, 1972.

GUIDONI, Enrico (Org.). Piano di recupero dell' abitato di Calcata. Facoltà di Architettura "Valle Giulia", Roma: s.d. Disponível em <<http://www.comune.calcata.vt.it/index.php/modulistica/category/16-pianodirecuperoceastrostorico>>. Acesso em 01/05/2018.

GYR, Ueli. The History of Tourism: Structures on the Path to Modernity, in: European History Online (EGO). Published by the Institute of European History (IEG), Mainz, 2010

ISTAT. Serie storiche. Disponível em <<https://www.istat.it/it/archivio/serie+storiche>>. Acesso em 16/05/18.

ISTITUTO TRECCANI. Vocabolario. Disponível em <<http://www.treccani.it/vocabolario/borgo/>>. Acesso em 13/05/18.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64. MILHEIRO, Eva & MELO, Carla. O Gran Tour e o advento do turismo moderno. Porto Alegre: Aprender, 2005.

Narrazione critico-storica della Reliquia preziosissima del santissimo Prepuzio di N. S. Gesù Cristo. Roma, 1802. Presso Vincenzo Poggioli. Disponível em <http://www.liberliber.it/medioteca/libri/n/narrazione_critico_storica_etc/narrazione_critico_storica_etc/pdf/narraz_p.pdf>. Acesso em 30/11/16.

Osservatorio Nazionale del Turismo. XXXVII Rapporto sulla situazione sociale del paese. 5 dicembre 2003, p. 3. Disponível em: <http://www.ontit.it/opencms/export/sites/default/ont/it/documenti/archivio/files/ONT_2003-12-05_00023.pdf>. Acesso em 29/05/17.

- PARCO TREJA. Presentazione. Disponível em <<http://www.parcotreja.it/public/it/ente/presentazione.asp>>. Acesso em 23/11/16
- PEIXOTO, Paulo. O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/155/155.pdf>>. Acesso em 16/03/16.
- PEIXOTO, Paulo. Os meios rurais e a descoberta do património. Centro de Estudos Sociais - Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 1998. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/175.pdf>>. Acesso em 21/03/16.
- UNESCO. Italy - Properties inscribed on the World Heritage List. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/statesparties/it>>. Acesso em 25/04/18.
- WORLD TOURISM ORGANIZATION. Tourism Highlights: 2015 Edition. Disponível em <<http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899>>. Acesso em 01/06/17.
- ZAMPILLI, Michele. Perchè e come insegnare il recupero della bellezza dei piccoli centri storici. In: FILETICI, Maria Grazia & CENTRONI, Alessandra (Org.). Progetti d'eccellenza per il restauro italiano: Quaderno ARCo. Roma: Gangemi Editore, 2011, p. 169-175.